

EDUCAÇÃO INFANTIL E O SER CRIANÇA: ALGUMAS REFLEXÕES

Nair Masini*

Na tentativa de auxiliar a criança, na condição de pré-escolar, a conhecer o mundo, a compreender-se e às outras pessoas, não podemos ignorar que estamos diante de um ser que já possui um mundo, que lhe é próprio, no qual se vê mergulhado.

Ver a criança desse modo faz-nos comprometidos em considerar esse mundo, compreendê-lo para podermos orientá-la, situá-la. Para que isso se realize, torna-se necessário que a entendamos, levando-a a tomar consciência de si e de seu próprio mundo, desde a infância. Esse conhecimento começa a partir da distinção que ela faz de si mesma, percebendo o seu ao redor, dispondo-se a experienciá-lo, divisando-o como algo que lhe é estranho e sobre o qual poderá voltar-se, perguntando, tomando-o como novidade, buscando, compreendendo. A concretização desta experiência pela criança poderá dar-se através do exercício de atribuir significados às coisas.

Na educação infantil, a direcionalidade da consciência da criança está voltada especificamente para os objetos ou coisas (ou entidades) presentes no seu mundo e nas suas representações. Desse modo, um objeto para o qual a consciência da criança se volte pode tornar-se significativo para ela e, assim, ser destacado do contexto em que se situa. Isto se

dá porque as coisas ou objetos do mundo são sempre coisas e objetos para uma consciência, não objetos e coisas em si. As coisas e objetos são sempre percebidos ou pensados, rememorados, imaginados. Assim, a relação entre a consciência e os objetos não é como entre duas entidades separadas, pois eles se relacionam. Se a consciência é sempre "consciência de alguma coisa" e se os objetos são sempre objetos para a consciência, não se pode negar a correlação existente entre ambos.

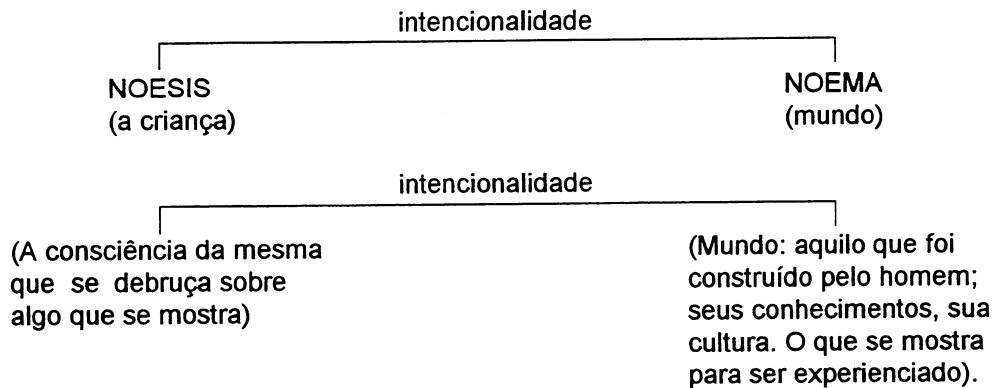
Segundo Dartigues¹, a quem nos reportamos, "se sairmos desta correlação noemática, não haverá nem consciência nem objeto".

Nesta correlação consciência/objeto é que o objeto aparece tal qual é, possibilitando o entendimento do mundo. Esse movimento realiza-se por meio da relação noemática (noesis/noema), onde noesis tem o sentido de ser um ato intencional da consciência, significando a disposição de uma pessoa para ver algo e noema refere-se àquilo que é visto ou experienciado como o é (consciência do mundo). Ao dar-se essa relação é que emerge a oportunidade de ocorrer o ato de educar, podendo este ser representado através de um diagrama, conforme Martins², que retrata assim um corte deste movimento:

* Professora do Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica da Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Educação (Supervisão e Currículo) pela PUC-SP.

1. DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia?* Trad. Maria J. G. Almeida, São Paulo: Moraes, 1992, p.19

2. MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: Educação como Poíesis*. Organização do texto: Vitória Helena Cunha Espósito. São Paulo: Cortez, 1992. p.68



Nesta perspectiva, segundo MARTINS (1992), “o ato de educar acontece ao estabelecer-se o encontro entre o mundo que se mostra e a consciência daquele (a criança) que o busca”. É um processo que se dá do todo para as partes e destas para o todo, no movimento, sendo o conhecimento apreendido no círculo existencial hermenêutico, o que possibilita à criança um “novo ver” e um “ver de novo”, podendo assim estabelecer redes de significados, pontes, que lhe garantem a possibilidade de projetar, construir e habitar novos mundos.

Visto assim, educar na pré-escola significa propiciar à criança a construção e reconstrução de um saber, bem como de suas experiências, sua cultura, seu sentir, suas crenças, seus conhecimentos, vendo-os como possíveis de serem desvelados, constantemente revistos, formulados e, se necessário, ultrapassados.

A partir desta visão, podemos constatar que a educação infantil, como um espaço de construção do conhecimento, tem a oportunidade de poder deixar a criança, ao dela usufruir, interagir com o meio, interpretar seus trabalhos e as experiências que vive. Desta maneira, a educação infantil torna-se o

“horizonte dos possíveis”, um lugar existencial que compõe, com outras dimensões da existência, o espaço do diálogo com outros e com o mundo, onde a liberdade se faz presente. Neste lugar, a criança, além do respeito ao já dado, pode exercitar-se no estabelecimento de rupturas com os obstáculos que lhe são impostos, através de teorias pré-dadas, visões de mundo, normas e valores prontos, tendo oportunidade de transformar dificuldades em possibilidades de divisar e viver novos horizontes.

O caminho pedagógico a ser percorrido nesta perspectiva de educação só poderá ser aquele que leve em consideração o ser da criança, sujeito que, ao longo do tempo, vive vários papéis em sua vida: filho, escolar, parte de uma instituição religiosa ou esportiva, futuro cidadão de uma determinada sociedade, e que, para realizar-se junto ao outro, precisará romper com o dado imediato e com o natural através das exigências que fazem sobre eles o intelectual e o racional. Vista assim, a criança não é por natureza pré-determinada, mas um ser de possibilidades, necessitando construir-se na sua humanidade, o que pode ser realizado com auxílio da educação escolarizada ao longo de toda a sua vida. A visão de ensino e

aprendizagem evolui, desta maneira, das idéias clássicas implícitas nas teorias de aprendizagem para um outro enfoque.

Nesse sentido, o trabalho escolar poderá realizar-se no reconhecimento de que à criança deve ser dada a oportunidade de ir para “além do presente”, isto é, sair do mundo dado como pronto, visto a partir das coisas visíveis, buscando perceber, na construção do conhecimento, uma pluralidade de aspectos que se colocam como possíveis de serem vividos.

BIBLIOGRAFIA

DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia?*
Trad. Maria José J. G. de Almeida. São Paulo: Moraes, 1992.

MARTINS, Joel, ESPÓSITO, Vitória H. C. *Um enfoque fenomenológico: Educação como Poíesis*. Org. Vitória Helena Cunha Espósito. São Paulo: Moraes, 1992.

MARTINS, Joel e BICUDO, Maria A. V. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Moraes, 1983.